

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.036

# DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE FUTUROS DOCENTES: UMA RELAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

*ANA KAROLLINY DO LIVRAMENTO MELO*

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED na Universidade Federal de Sergipe - UFS, Licencianda em Ciências Biológicas pela mesma Universidade, Especialista em Neuropsicopedagogia e Bacharela em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: ana.karollinymelo@gmail.com

## RESUMO

A formação inicial configura-se como ponto de partida no processo formativo dos profissionais que atuarão diretamente com as aprendizagens e socialização de crianças, adolescentes e adultos, viabilizando a promoção de uma educação básica com significado, que contemple a realidade do aprendente e suas necessidades cognitivas. Imbernóm (2004), André (2010), García (2020) e Nóvoa (2022) tratam a formação inicial como o período de apropriação de conhecimentos teóricos e práticos que fornecem fundamentação teórico-metodológica para a prática do ensino. Nesse contexto, o estágio supervisionado tem como função inserir os futuros docentes na comunidade escolar e em seu dia a dia, favorecendo experiências que impulsionarão seu desenvolvimento e compreensão da profissão. A vivência em sala de aula com os alunos e o professor supervisor, a observação e a regência, não são apenas protocolos que devem ser seguidos para cumprimento de carga horária, é o momento para aplicação dos conhecimentos advindos das disciplinas ofertadas pelo curso de licenciatura. O objetivo desse trabalho é refletir sobre o estágio obrigatório como meio para o desenvolvimento do futuro profissional, a partir das memórias, anotações, diário de campo e diálogos construídos e elaborados no decorrer das experiências como estagiária. Inserir-se no ambiente escolar configurou-se um divisor de águas na construção formativa e desenvolvimento dos saberes docente, além de suscitar o compromisso de promover uma educação que atenda as individualidades e desenvolvam seus aprendentes.

**Palavras-chave:** Formação inicial. Estágio supervisionado. Desenvolvimento profissional. Conhecimento teórico-prático.

## INTRODUÇÃO

A docência é uma profissão, que como qualquer outra é aprendida e aperfeiçoada. A crença de magistério como dom foi propagada por muitos anos na educação brasileira e ainda permeia o imaginário de muitos indivíduos. Entretanto, a “profissão professor” se caracteriza pela sua incessante construção, onde em sua trajetória formativa o profissional deve apropriar-se das ideias e teorias necessárias ao lecionar.

É na formação inicial que o futuro docente se cerca dos conceitos que possibilitarão o exercer da profissão, pressupostos teóricos que norteiam e capacitam esse estudante e futuro profissional para a realidade que será vivenciada na prática.

Pimenta (1997) afirma que durante a licenciatura se espera que os alunos desenvolvam os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os valores que possibilitem, de maneira permanente, a construção dos saberes docente, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social lhes coloca no cotidiano.

Ou seja, é crucial que a formação inicial,

mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores (Pimenta, 1997, p.6).

Compreender que os saberes necessários aos docentes são estruturados continuamente é um ponto crucial no desenvolvimento da profissão, pois não existem saberes prontos ou acabados. A docência é uma profissão envolta de modificações diárias, e cabe ao professor possuir e adquirir ao longo dos anos, as habilidades necessárias para a seu bom andamento e execução.

É importante mencionar que não traremos aqui uma sobreposição da teoria à prática ou da prática à teoria, mas a necessidade da coexistência de ambas na formação de um profissional capaz de adaptar-se à realidade de uma sala-de-aula, tendo como suporte o aparato teórico que lhe é proposto em sua formação inicial.

Nesse processo de aporte teórico e necessidade de vivenciar a prática em sala de aula o estágio supervisionado torna-se uma ferramenta essencial na inserção do futuro docente no lócus de trabalho da profissão por ele escolhida. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (nº 9394/96)

o estudante deve ter a oportunidade de obter conhecimentos sobre a sua prática profissional (Brasil, 2013).

Desse modo, a legislação brasileira sugere que o estágio supervisionado (ES) em licenciatura é capaz de proporcionar ao aluno a observação, pesquisa, elaboração, desenvolvimento e a avaliação de diversas atividades pedagógicas. Assim, o ES é considerado uma atividade que permite ao estudante a aquisição de experiência profissional auxiliando-o em sua inserção no mercado de trabalho (Júnior et al., 2022).

O ES é um momento oportuno para o discente vivenciar de modo razoável a prática docente durante a sua formação. Tal experiência orienta e fortalece o licenciando para a jornada profissional, o ensinando a enfrentar e vencer os desafios comuns ao âmbito educacional.

Esse período permite articular o conhecimento teórico obtido na graduação e a prática da licenciatura no cotidiano escolar trazendo contribuições para a futura atuação docente, no que se refere à atribuição de sentido da profissão; a construção da identidade profissional, aquisição de competências e habilidades, e a emancipação profissional (Menezes; Silva, 2018; Pimenta; Lima, 2012).

A prática de ensino e o estágio supervisionado na formação acadêmica podem ser qualificados como um momento fundamental do processo de formação do futuro profissional em que ocorre, de maneira mais concreta, a passagem ou a transição de aluno a professor.

Essa inversão de papéis não é sossegada, pois envolve a construção e a desconstrução de anseios, expectativas; conflitos e tensões entre o que se idealiza ou que se conhece e aquilo que realmente pode ser realizado na prática (Fiorentini; Castro, 2003).

O ES na graduação também proporciona aos acadêmicos oportunidades de certificação de que a docência é realmente a área profissional desejada. De acordo com Seixas e Araújo (2017), a frustração ao longo da vida com a atividade desempenhada, especialmente na licenciatura, é comum entre as pessoas que não aproveitaram, ainda no processo de formação, a experiência do estágio para avaliar criticamente a futura atuação profissional ou até mesmo cursaram o estágio apenas com o objetivo de cumprir a carga horária necessária para obtenção do diploma, não atentando-se para a importância do mesmo no construto de sua profissão.

Dessa forma, torna-se fundamental a presença de momentos ao longo do curso de licenciatura que possibilitem a reflexão sobre o papel do estágio

supervisionado na formação do futuro professor, é um momento único para pensar e repensar sobre o que fazer com seus alunos, suas práticas, metodologias, a abordagem que irá refletir no ensino em sala de aula, que conteúdos escolher, fazendo uma reflexão do que seria mais adequado para cada momento e cada realidade escolar (Imbernóm, 2001).

A partir dessas ideias acreditamos ser de fundamental importância refletirmos sobre o estágio supervisionado como ponto de desenvolvimento profissional dos futuros docentes, tendo em vista a inserção desses no lócus de trabalho profissional e a relação entre a teoria e a prática na execução do mesmo.

Discutiremos essas questões tendo como ponto de partida as experiências vivenciadas pela autora em seu processo formativo, durante sua inserção nos estágios obrigatórios supervisionados, locados em instituições públicas de ensino no estado de Sergipe – Brasil. Embasando-a na literatura científica por meio de uma revisão narrativa de literatura.

O estágio supervisionado proporciona ao futuro professor o contato com o dia-a-dia escolar, entretanto, cabe ao indivíduo lidar com as intempéries a este relacionados. Infelizmente vivemos num período de sucateamento e desvalorização das instituições públicas de ensino e o principal reflexo disso são os dilemas enfrentados pela comunidade escolar o que por vezes desmotiva e impossibilita o pleno desenvolvimento dos futuros docentes nesses ambientes que seriam de aprendizagem e crescimento profissional.

## **METODOLOGIA**

---

O presente artigo apresenta uma abordagem qualitativa, a mesma caracteriza-se por dar voz as subjetividades inerentes ao ser humano, possibilitando a interpretação de dados não numéricos. Se baseia na perspectiva interpretativa, que é centrada nas ações do indivíduo e em suas concepções sobre determinada temática. Ou seja, o pesquisador imerge na percepção dos participantes e a partir dela infere sua interpretação, fundamentando-a em pressupostos teóricos já existentes (Creswell, 2014; Sampiere, Collado, Lucio 2013).

Nosso desenho metodológico abrange a união de experiências vivenciadas pela autora, a partir de memórias, anotações, diário de campo e diálogos construídos e elaborados no decorrer das experiências como estagiária em instituições

públicas de ensino a uma revisão sistemática narrativa (Rother, 2007; Mussi; Flores; Almeida, 2021).

Esses relatos e reflexões configuram-se como uma importante expressão escrita de situações vivenciadas por um indivíduo, pois unem uma crítica reflexiva com o apoio do rigor técnico metodológico, sendo capaz de contribuir na produção de conhecimentos.

A revisão narrativa é crucial no desenvolvimento de teorias, pois trazem à discussão elementos e dados estabelecidos por diversos pesquisadores que tratam sobre a mesma temática, possibilitando uma pesquisa baseada em evidências.

A escolha dessa metodologia se deu pela revisão narrativa apresentar

*“uma temática mais aberta; dificilmente parte de uma questão específica bem definida, não exigindo um protocolo rígido para sua confecção; a busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente. (Cordeiro et al., 2007, p.429)*

Esse tipo de revisão propõe uma análise da literatura por uma perspectiva de interpretação crítica do pesquisador sobre determinado tema em um curto espaço de tempo, possibilitando um grande apanhado de informações ao leitor (Rother, 2007).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

### **O INÍCIO DO “SER PROFESSOR”**

A escolha da profissão é um momento difícil e conflituoso para inúmeros indivíduos, principalmente quando esta se dá em um período de imaturidade psicológica. Muitos de nós “definimos” nossa profissão na finalização do Ensino Médio, a partir de gostos pessoais ou até mesmo pelo desempenho acadêmico.

Carvalho (2020) afirma que essa escolha se deriva de uma série de fatores e tem uma “estreita relação com fatores familiares, instituições escolares pregressas, fatores socioeconômicos e culturais, dentre outros.” (Carvalho et al., 2020, p.3). Os mesmos autores trazem à tona a íntima ligação da escolha pela docência como profissão e a realidade social dos indivíduos que a escolhem.

Entretanto, existem questões mais profundas e demonstram que muitas “escolhas” não foram baseadas “na própria vontade do indivíduo, mas sim em incluir

suas chances de ingresso e permanência no ensino superior.” (Carvalho et al., 2020, p.3).

Ou seja, o curso de licenciatura muitas vezes é escolhido com base na nota obtida pelo participante no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou até mesmo pelo número de vagas/concorrência que o curso apresenta, situações que mascaram a ideia de escolha de uma profissão por afinidade.

Essa transição do Ensino Médio para o Ensino Superior não é simples, muitos apresentam déficits acadêmicos que são evidenciados ao serem inseridos nessa nova realidade.

Leme (2012) evidencia que a cada ano temos uma quantidade menor de jovens almejando a profissão docente e muitos dos que a escolhem o fazem por não conseguirem adentrar em outros cursos com maior custo de manutenção ou por serem em tempo integral, inviabilizando a jornada de trabalho além das universidades.

A autora aponta que

A carreira docente, embora pouco desejada, parece atrair pessoas com dificuldade de acessar profissões que demandam altos custos de formação, ou seja, aquelas cujos cursos superiores têm mensalidades caras, são ministrados em tempo integral (impossibilitando as pessoas de trabalhar), apresentam elevados gastos com materiais didáticos específicos ou cujo ingresso exige alto desempenho em exame vestibular. Com esse apontamento poderia supor que a decisão por um curso de graduação seria feita na ponta do lápis. Em outras palavras, que a escolha consideraria majoritariamente as possibilidades de acesso e retorno financeiro, que seria uma escolha clara e precisa (Leme, 2012, p.22).

Esses fatores agravam-se quando a profissão docente é vista como uma das mais mal remuneradas no Brasil, situação que tem afastado cada vez mais profissionais. Porém, alguns decidem ingressar na profissão docente e nela permanecer, o presente artigo tratará sobre esses “alguns”.

Marcelo (1999) afirma que o processo de desenvolvimento profissional de um professor inicia-se no momento em que este acessa a formação inicial e se dará até seu último dia lecionando em sala-de-aula, ou seja, a formação inicial é o ponto de partida que possibilitará a compreensão da profissão e lhe outorgará o direito de exercê-la.

Há décadas atrás no Brasil, os futuros professores aprendiam junto a docentes mais experientes dentro das escolas, entretanto, não lhes era exigido

conhecimentos de didática, aprendizagens, pedagógico ou científico, bastava apenas a esses candidatos saberem ler, escrever e apresentar bons antecedentes (Nóvoa, 2022).

Entretanto, após a implementação das escolas normais essa função de formação do professorado foi repassada às províncias, posteriormente às universidades pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei 9.394/96). Esta passa então a regulamentar os cursos superiores em licenciatura

Art. 62 –A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em Universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. Art. 63 –Os Institutos Superiores de Educação manterão: I -Cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do Ensino Fundamental; II -Programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de Educação Superior que queiram se dedicar à educação básica; III -Programas de educação continuada para profissionais de educação dos diversos níveis (LEI DE DIRETRIZES E BASES, 1996, p.43).

Por isso, os cursos de licenciatura atualmente são os responsáveis por prover aos seus estudantes um aparato teórico e prático que possibilite a atuação desses profissionais no mercado de trabalho.

Entre todas as disciplinas, projetos de extensão e ações formativas, o estágio supervisionado é um momento importantíssimo, pois muitas vezes é o primeiro contato do futuro docente com a sala-de-aula.

É nessa imersão na instituição escolar que surgem as dúvidas, os medos, os questionamentos da profissão, onde a realidade bate a porta desses futuros professores. Nesse período os já docentes assumem um papel decisivo, pois além de supervisores de estágio, são colegas de trabalho, auxiliando diretamente no processo formativo desses estagiários.

A Lei 11.788/2008, artigo 3º, inciso 1º, afirma que o estágio é um “ato educativo escolar supervisionado” que vincula as universidades às instituições de ensino básico. Infelizmente muitos professores supervisores não compreendem a dimensão de sua função, pois foram ensinados a ensinar alunos, não apresentando as características necessárias para formação de outro professor (Cely et al., 2020).

Muitas vezes são esses profissionais que desestimulam seus estagiários com a ideia de “mostrar a realidade nua e crua”, ou por não darem aos mesmo o suporte necessário para o desenvolvimento das aulas e instrumentos educacionais.

É importante deixar claro que não estamos aqui para julgar esses docentes, mas para refletir sobre práticas que têm sido danosas à formação de novos professores. Temos consciência da sobrecarga que as instituições lhes outorgam, das defasagens dos discentes, do alto nível de estresse e desvalorização, mas aparentemente muitos ainda não compreenderam que suas ações auxiliam ou devastam a vontade e o interesse que o estagiário tem de desenvolver-se na profissão.

Nóvoa (2019) afirma que os docentes já atuantes são cruciais na construção de uma educação eficaz, não que a responsabilidade seja unicamente desses profissionais, mas estes precisam compreender seu papel na formação dos futuros docentes, sendo uma relação de troca, onde o compartilhamento de experiências e novidades acadêmicas auxiliará no desenvolvimento profissional de ambos.

A profissão docente é colaborativa, ela é construída dia após dia em que nos empenhamos na busca de nosso desenvolvimento, este vai além do reconhecimento social ou financeiro, mesmo que sejam importantes, não devemos buscá-los unicamente.

Marcelo (1999) afirma que o desenvolvimento profissional perpassa inúmeros pilares, entre eles o autodesenvolvimento, onde o professor é responsável por sua busca, independente das instituições ou imposições formativas.

Por isso, acreditamos que o desenvolvimento profissional vai além das salas-de-aula dentro das universidades, mas percorre os corredores escolares, as salas de professores, conversas em grupos de compartilhamentos de mensagens, entre outros. Todos esses ambientes informais proporcionam, cada um a sua maneira, um crescimento ao docente atuante e ao que está em formação (Marcelo, 2023).

Acreditamos em uma docência colaborativa, não individualizada em que cada professor assume sua classe e nela age como bem entender, precisamos de maneira urgente construir laços com os pares para que os dilemas, desafios e inovações sejam compartilhadas, a vista de contribuir com o aperfeiçoamento da educação.

Marcelo (1999) afirma que a cultura individualista da docência atual é danosa ao desenvolvimento profissional dos professores e das instituições de ensino, pois o isolamento afasta os professores de seus pares, os quais precisam e devem



construir suas práticas embasando-as em evidências e contextualizações possibilitadas pelas trocas e ações colaborativas.

## **DESENVOLVER-SE ENVOLVE TEORIA E PRÁTICA**

Quem nunca ouviu o adágio que diz que “na prática a teoria é outra”? Desde meu primeiro dia na formação inicial essa era a ideia propagada pelos arredores da universidade, inclusive pelos próprios professores formadores, os quais afirmavam que muita das coisas que veríamos na graduação nunca seriam utilizadas em sala de aula. Algo que se assemelhava muito aquela antiga ideia escolar de que nunca usaríamos as fórmulas matemáticas em nosso dia-a-dia.

Mas algo não parecia certo, essa dualidade que desvalorizava uma em detrimento da outra como se fossem antagonicas e não pudessem coexistir. Em meu primeiro estágio supervisionado, com uma turma de sexto ano do ensino fundamental, com um aluno autista, um com TDAH e com casos de bullying entre os estudantes, ficou claro que eu precisaria da teoria, não daria para agir com base em “achismos” ou sentimentalismo, era necessário teoria para embasar a prática.

A teoria não abrange todas as situações, ela não nos dará todas as respostas, nem isentará os professores de falharem, mas norteará a prática e possibilitará perceber situações que foram vivenciadas por outros indivíduos.

Segundo Barros et al (2020) essa ideia torna-se mais estigmatizada pela estruturação dos currículos de formação docente, onde as disciplinas são separadas em blocos, os teóricos e os práticos, onde o segundo é vivenciado apenas na finalização do curso em licenciatura, favorecendo a percepção de que a prática e a teoria são individualizadas e opostas.

O estágio caracterizaria-se como parte prática da formação, entretanto Paniago e Sarmento (2015) afirmam que deve haver uma superação dessa ideia de estágio unicamente como modalidade prática ou componente curricular, ele deve ser um articulador que perpassa todas as disciplinas do processo formativo. É nesse ambiente de aprendizagem que o futuro docente irá aplicar o que foi aprendido e iniciará a composição de sua identidade como profissional professor.

Para Rodrigues (2022) o estágio

é um momento de aprendizagem e construção da identidade do futuro professor, através de ações reflexivas que resultam na prática docente. Dessa forma, não se deve estar preso a mera observação, nem ser

apenas teórico, sendo importante ser composto por uma perspectiva teórico-prática (Rodrigues, 2022, p.135)

No mesmo viés, Pimenta e Lima (2010) afirmam que a dissociação entre a teoria e a prática resulta em um “empobrecimento das práticas” escolares. Ou seja, o estágio não é “Teoria ou prática” o estágio é “Teoria e prática”. Isso se dá pois, a teoria oferece os recursos necessários para que o futuro docente analise e questione as práticas e as ações dos sujeitos partícipes do processo educacional.

É importante reafirmar que as teorias são explicações provisórias da realidade, estão em constante modificação, entretanto elas atuam como referencial para os questionamentos, reflexões da prática e soluções para as demandas diárias da atuação do professorado.

Dauanny, Lima e Pimenta (2019) relatam que o estágio precisa ser visto não como uma disciplina prática e sim como uma atividade teórica de conhecimento que permite fundamentação, diálogo e intervenção na realidade escolar. Pois para que se chegue a realidade é necessário atividade cognitiva que parte de um conhecimento da realidade existente. Pimenta (2009) afirma que

Essa realidade que já existe (objetiva, prática), no entanto, não se explica nela mesma, porque enquanto realidade histórico-social, situada, tem sua explicação no movimento da história, da sociedade. Quer dizer, é determinada por fatores sociais que a antecedem e por fatores sociais que lhe são extrínsecos (Pimenta, 2009, p.183).

Por isso, consideramos o estágio não como atividade docente, mas como o estudo dessa atividade, que possibilitará ao futuro docente a compreensão da ação que será por ele executada.

É necessário ter em vista que a teoria e a prática são indissociáveis, não é possível executar uma sem o embasamento da outra.

Quando tratamos a teoria e a prática como complementares, tendo em vista o desenvolvimento profissional dos futuros docentes, as ideias e vivências produzidas em sala-de-aula começam a trazer novos sentidos à formação que se encaminha.

Entretanto, é necessário que tenhamos em mente que a finalização da formação inicial não é o ponto final do processo formativo do professor, esse percorrerá uma jornada infinda de formação continuada, esta mais uma vez o munirá de conhecimentos que embasarão sua prática no ambiente escolar.

## **POR UMA FORMAÇÃO COM SENTIDO E SIGNIFICADO**

A docência é uma profissão laboriosa, perpassa concepções individuais e sociais, promove um misto de sentimentos a cada dia de sua execução, passamos de heróis à vilões em dois tempos, somos chamados de instrutores, formadores, mediadores, mas no final somos e seremos sempre professores (Nóvoa, 2022; Santos, Melo e Guimarães, 2021).

A escolha da profissão pode ter se dado de diversas formas, mas a permanência nela se dá pelo sentido que ela apresenta na vida de quem a escolhe, não falamos aqui de sentimentalismos ou ideias românticas da profissão, mas da realidade vivenciada todos os dias desde que colocamos o primeiro pé numa instituição de ensino básica, independente do componente curricular, ao ingressarmos nesse “universo conflituoso” somos automaticamente responsáveis por zelar pela aprendizagem de nossos alunos (Lei de Diretrizes e Bases, 1996).

Conseguir compreender a importância dessa função é para poucos, tendo em vista os sucessivos desmontes e desvalorização da profissão, entretanto, cabe ao docente se apropriar da responsabilidade que por ele foi escolhida e honra-la. Esse processo de apropriação da função não inicia-se unicamente quando o profissional imerge no mercado de trabalho, mas em sua formação inicial (Santos, Melo e Souza, 2021).

Inúmeras vezes presenciei graduandos na área da saúde, das exatas, enaltecendo suas formações com orgulho, enquanto os licenciandos escondiam ou tentavam produzir justificativas adversas para explicarem suas escolhas, não nos cabe julgar esses futuros profissionais, mas é importante que reflitamos sobre nossas escolhas e a importância social de nossa profissão.

A licenciatura é a apropriação de conhecimentos que permitirão compreender o desenvolvimento, as aprendizagens e os contextos sociais em que elas ocorrem, nos possibilita crescer como indivíduos e nos faz adentrar uma profissão essencial na sociedade. Não há médicos sem professores, não há advogados sem professores, não há cientistas sem professores.

A profissão professor fundamenta todas as demais profissões, devemos promover e dar a ela o sentido que seu significado tem para sociedade, sem utopias ou romantizações, apenas a apropriação do que é ser professor.

Mas para que isso ocorra é necessário um trabalho em conjunto, mas parecido com uma força tarefa, que deve contar com o apoio das Instituições de ensino

superior, das Instituições de ensino básico, dos docentes já atuantes e da sociedade como um todo.

Parece-me que teremos muito trabalho até que haja reformulações nos currículos de formação inicial para que os discentes consigam compreender as relações teóricas-práticas que devem existir na composição da profissão e esse mesmo currículo ser capaz de instruir esses futuros profissionais de que sua missão também abranjerá auxiliar na formação de novos docentes (Nóvoa, 2022; Marcelo, 2023).

Como dito anteriormente, a profissão docente é colaborativa, não subsiste isoladamente, as conexões e aproximações são necessárias e fundamentais em sua existência, precisamos apenas aprender e continuamente reaprender a “professorar”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

O estágio supervisionado é um momento de crucial importância para o futuro docente, nele o estudante conhecerá a realidade escolar e fará uma correlação e aplicação dos conhecimentos obtidos nas demais disciplinas de sua formação inicial, esses que são necessários para execução de sua prática profissional. É nesse período que a teoria e a prática caminham juntas, tendo em vista o exercer da docência.

Uma prática apartada da teoria torna-se uma prática vazia, sem um norte ou direcionamento concreto, trazendo uma série de prejuízos ao ensino escolar, como por exemplo, a prática baseada em “achismos”, a reprodução de metodologias sem a reflexão e a conexão dessas ao contexto e a dependência cega e não refletida do livro didático.

Essas ações são extremamente comuns, principalmente quando acreditamos que “na prática a teoria é outra” e esquecemos que nossas ações em sala de aula, como futuros docentes e profissionais já atuantes, devem ser norteadas com base em evidências que justifiquem nossas ações.

A ação docente deve ser carregada de sentido para aqueles que a executam e seu significado deve ser compreendido por toda sociedade ao seu entorno, mas para que isso aconteça é necessário uma formação inicial condizente com a função do professor na sociedade.

Entretanto, é de fundamental importância que esses futuros profissionais tenham em mente que o estágio supervisionado não é apenas uma obrigação

burocrática a ser seguida para obtenção do diploma, ela deve ser vivenciada como um ponto de seu desenvolvimento profissional, tendo em vista o longo caminho formativo que ainda está pela frente em sua jornada e lhe proporcionará a base para segui-la.

## **AGRADECIMENTOS**

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## **REFERÊNCIAS**

---

BAPTISTA, C.S.G. A importância da reflexão sobre a prática de ensino para a formação docente inicial em Ciências e Biológicas. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. UFMG, v.5, n.2, p.4-12, 2003.

BIANCON, M. L.; MENDES, C. B.; MAIA, J. S. S. Estágio de observação supervisionado em ciências e biologia: contribuições da pedagogia histórico - crítica. **Debates em Educação**. Maceió, vol. 12, n. 26, jan - abr, 2020.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). **Ministério da Educação**. 2013.

CARDOSO, S.; BECK, F.L.; MELLO, F.B.; DAL SOGLIO, F.K. **Estágio Supervisionado em Unidades de Produção Agrícola**. Editora da UFRGS. Porto Alegre/RS, 2011. 100p.

CARVALHO, P.M.A. A influência das mudanças da legislação dos professores: As 300 horas de estágio supervisionado. **Ciência & Educação**, v.7, p.113-122, 2001.

CARVALHO, T. K. P.; BENTO, E. G.; ANASTÁCIO, P.R.S.; MARTINS, M.I.A. Estudantes de Licenciatura: trajetórias escolares e escolha da profissão. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 26, e31790, jan.2020. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-)

04312020000100111&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 dez. 2023. Epub 06-Ago-2020. <https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.31790>.

CELY, E.; POLATI, C.; AMARAL, B.; SILVA, G.S. A (in) definição do papel do Professor Supervisor de estágio: realidades e perspectivas no contexto da Educação Física. Schutz JA, Mayer L, organizators. **Educação, história e sociedade**. Cruz Alta: Editora Ilustração, p. 107-121, 2020.

CORDEIRO, A.; OLIVEIRA, G.; RENTERIA, J.; GUIMARAES, C. A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, 2007.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa** [recurso eletrônico]: escolhendo entre cinco abordagens / John W. Creswell; tradução: Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. – 3. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2014.

DAUANNY, E. B.; LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. A produção teórico-prática sobre o estágio na formação do professor - uma revisão crítica. **Revista Interdisciplinar Sulear, [S. l.]**, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4274>. Acesso em: 9 dez. 2023.

FIORENTINI, D.; CASTRO, F. C. **Tornando-se professores de matemática**: O caso de Allan em Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. In: FIORENTINI, D (org.). **Formação de professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas, SP; Mercado das letras, p. 121-156, 2003.

FOUREZ, G. Crise no ensino de ciências? **Investigações em Ensino de Ciências, [S. l.]**, v. 8, n. 2, p. 109–123, 2016. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/542>.

IMBERNON, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.

JUNIOR, A. N. S.; BARBOSA, J. R. A. Repensando o ensino de ciências e de biologia na educação básica: o caminho para a construção do conhecimento científico e biotecnológico. **Democratizar**, v. 3, n. 1, jan - abr, 2009.

JUNIOR, E. C. P. et al. O estágio supervisionado no curso de graduação em Ciências Biológicas: Um relato de experiência. **Revista EDUCAmazônia** - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, Vol XV, Núm 2, pág. 188-209, jul-dez, 2022.

LEME, L.F. **Atratividade do magistério para o ensino básico: estudo com ingressantes de cursos superiores da Universidade de São Paulo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.48.2012.tde-03092012-151346. Acesso em: 2023-12-07.

MACHADO, L. G.; BIERHALZ, C. D. K. Implicações do estágio supervisionado na formação do professor de ciências. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. I.], v. 5, n. 4, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i4.1096.

MARCELO, C. G.; PAULA, M. M. Redes sociais e desenvolvimento profissional docente: novos espaços de formação. **Cadernos de Pesquisa**, 2023.

MELO, Ana Karolliny do Livramento. **Estudo descritivo acerca dos efeitos do Programa institucional de residência pedagógica/UFS no processo de formação continuada dos professores preceptores**. Relatório de Iniciação Científica, COPES - Universidade Federal de Sergipe, 2020.

MENDES, R.; MUNFORD, D. Dialogando saberes - Pesquisa e Prática de Ensino na formação de Professores de Ciências e Biologia. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. UFMG, v.7, n.3, 2005.

MENEZES, J. B. F.; SILVA, H. D. A. Relevância e contribuições do estágio supervisionado para o exercício da profissão docente na percepção dos licenciados em Ciências Biológicas. **Iniciação e Formação Docente**, v. 5, n. 2, p. 38-51, 2018.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da

Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 dez. 2023. Epub 25-Nov-2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

NÓVOA, A. **Escolas e professores: Proteger, Transformar, Valorizar/** Antonio Nóvoa, colaboração Yara Alvim. – Salvador: SEC/IAT, 116p, 2022.

PANIAGO, R. N., SARMENTO, T. J. O processo de estágio supervisionado na formação de professores portugueses e brasileiros. **Revista Educação em Questão**, v. 53, n.39, p. 76-103., 2015.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RODRIGUES, A. R. da S. P. Compreensões acerca do Estágio Supervisionado na formação inicial de professores de Química: revisão narrativa de literatura. **Revista de Iniciação à Docência, [S. l.]**, v. 7, n. 2, p. 133-147, 2022. DOI: 10.22481/riduesb.v7i2.11303. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rid/article/view/11303>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SANTOS, L. A. M.; MELO, A. K do L. & SOUZA, F. K. Estudo descritivo acerca dos efeitos do programa institucional de residência pedagógica/UFS no processo de formação continuada dos professores preceptores. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 13, n. 26, p. 201– 218, 2021. DOI: 10.31639/rbpf.v13i26.409. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/409>.



SANTOS, L. A. M.; MELO, A. K. do L., & GUIMARAES, W. dos S. **Estudo descritivo sobre processo de formação continuada dos docentes que atuam no Colégio Aplicação/UFS**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum permanente de Inovação Educacional, 1(12), 2021.

SEIXAS, W. J.; ARAÚJO, J. N. **Percepção do licenciando em ciências biológicas sobre a importância do estágio supervisionado para sua atuação docente**. Universidade do Estado do Amazonas. 2017.

TEIXEIRA, O. P. B. A Ciência, a Natureza da Ciência e o Ensino de Ciências. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 25, n. 4, p. 851–854, out. 2019.